

NOVOS ENFOQUES SOBRE O FORMATIVO EURO

Carlos Alexandre V. Gonçalves¹ Anna Carolina Costa Avelheda²**Resumo**

No presente artigo, discute-se o estatuto morfológico do formativo euro-, em construções como ‘euro-mercado’, ‘euro-cêntrico’ e ‘euro-trocínio’, observando como se comporta esse elemento morfológico em relação aos critérios propostos por Kastvosky (2009) e por Gonçalves & Andrade (2012) para diferenciar afixos de radicais. Com a realização deste trabalho, verifica-se em que medida o formativo comporta-se como radical e em que aspectos equivale a um afixo. Para tanto, procedeu-se à coleta de dados em dicionários (HOUAISS, 2009; COROMINAS & PASCUAL, 1980; CUNHA, 1982; MACHADO, 1967) e na rede mundial de computadores (uso da ferramenta eletrônica de busca Google). Recorreu-se, ainda, ao artigo de Correia (1989), que apresenta um apêndice com os dados utilizados para análise do formativo no português europeu.

Palavras-chave: Morfologia. Composição. Derivação.

Abstract

In this paper, we discuss the status of the formative euro- in constructions as ‘euro-mercado’ (European market), ‘eurocêntrico’ (someone who finds the center of the world is the Europe) and ‘eurotrocínio’ (sponsorship of Europe), noting how this element behaves in relation to morphological criteria proposed by Kastvosky (2009) and Gonçalves & Andrade (2012) to differentiate affixes by radicals. With this work, we verify to what extent euro-

behaves as a radical and in what respects is equivalent to an affix. Therefore, we collect data in dictionaries (HOUAISS, 2009; COROMINAS & PASCUAL, 1980; CUNHA, 1982; MACHADO, 1967) and in the World Wide Web (with the help of Google). We also used the paper by Correia (1989), which presents an appendix with the data used for the analysis of this formative in European Portuguese.

Keywords: Morphology. Compounding. Derivation.

Considerações Iniciais

O presente trabalho empreende uma análise morfológica do formativo euro-. Sendo mais frequentemente atestado em formações do Português Europeu, por fazer referência estrita ao continente em que se fala tal variedade, é um elemento relativamente recente. Na versão eletrônica do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2009), a forma *euro* aparece apenas como “moeda única dos países da União Europeia”, embora a seção de etimologia o descreva como redução de Europa.

Em Cunha (1982: 338), observa-se que a primeira palavra registrada em português com esse formativo data de 1858, quando H. Reuschle propôs o termo internacional *eurásico*, adjetivo formado a partir de *Europa* + *Ásia*. Conforme se pode perceber, parece que um cruzamento vocabular¹ fez com que se depreendesse tal elemento morfológico (CUNHA, 1982). Apesar de ter sido atestado já no século XIX, observa-se, em Correia (1989: 04), que palavras formadas com *euro-* só passariam a ser registradas em maior número a partir do século XX.

¹ Professor Associado III do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

² Mestre em Letras Vernáculas pela UFRJ. Professora da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

³ De acordo com Andrade (2013), o cruzamento vocabular “pode ser compreendido como uma palavra morfológica resultante da fusão de duas outras palavras morfológicas, que, ao mesmo tempo, reproduz e cria significados a partir das palavras que lhe serviram de fonte, como, por exemplo, *baiano* (< *baiano* + *mineiro*), *breganejo* (< *brega* + *sertanejo*), *chafé* (< *chá* + *café*), entre tantas outras. A formação dessas palavras revela criatividade no uso da língua materna e sua força expressiva resulta da síntese de significados e do inesperado que se consegue com a combinação. Quase sempre com finalidade expressiva particular e circunstancial, as mesclas não somente são encontradas na linguagem coloquial, humorística e publicitária, mas também na linguagem literária, exprimindo um certo tom de lirismo, a exemplo de *deleitura* (< *deleite* + *leitura*) e *falavra* (< *fala* + *palavra*).

Machado (1967), por sua vez, apresenta outra acepção, mais antiga, datada do século XVI: “Do grego *euros*, «o euro, vento sueste; o levante, vento em geral», pelo latim *euru-*, mesmos sentidos”.

Em estudo intitulado *Euro-: um novo prefixo do português?*, Correia (1989: 5) apresenta breve nota etimológica, destacando a composição do topônimo: “Em Grego antigo, a raiz ‘*εὔ*’, que tinha o significado de ‘bem’, foi juntar-se com a raiz ‘*ὄπ*’, ‘vista’, dando origem à palavra “Europa”, que passou a designar o velho continente” (BAILLY, 1950: 123). Para a autora, *euro-*, após ter entrando na composição de *Europa*, sofreu, mais recentemente, redução formal e semântica, passando a ser sinônimo de *européu*, do que é relativo à Europa, como em ‘euro-crise’ e ‘euro-copa’², assumindo, portanto, o significado global da palavra que lhe originou.

Discute-se, no presente artigo, o estatuto morfológico do elemento *euro-*, observando como esse formativo se comporta em relação aos critérios propostos por Kastvosky (2009) e por Gonçalves & Andrade (2012) para diferenciar afixos de radicais. Com a realização deste trabalho, verifica-se em que medida o formativo comporta-se como radical e em que aspectos equivale a um afixo. Para tanto, procedeu-se à coleta de dados em dicionários (HOUAISS, 2009; COROMINAS & PASCUAL, 1980; CUNHA, 1982; MACHADO, 1967) e na rede mundial de computadores, através de pesquisa no dispositivo *Google* e nos dicionários *Priberam.pt* e *Informal*, disponíveis, respectivamente, em «<http://www.priberam.pt/dlpo/>» e em «<http://www.dicionarioinformal.com.br/>». Recorreu-se, ainda, ao artigo de Correia (1989), que apresenta um apêndice com os dados utilizados para análise do formativo no português europeu. Contamos, hoje, com cento e oito formações com *euro-* e a análise foi elaborada com base nessas construções.

O texto estrutura-se da seguinte forma: em primeiro lugar, revisita-se a literatura já produzida sobre *euro-*, a fim de auferir informações a respeito do tratamento que lhe fora dado; em segundo lugar, expõem-se os critérios que auxiliam na diferenciação entre afixos e radicais, nos quais se baseará a reflexão subsequente sobre o estatuto do formativo; por fim, passa-se à análise dos dados obtidos sob a luz desses mesmos critérios.

1. Abordagem de euro-: Tradição e Literatura Morfológica

Conforme se pôde perceber, a acepção atribuída ao formativo parece consensual, uma vez que os dicionários etimológicos que a esse elemento fazem referência e os morfólogos que o estudam caracterizam-no como redução de *Europa*. Na abordagem tradicional (ROCHA LIMA, 2010; CUNHA & CINTRA, 2008; AZEREDO, 2008;

BECHARA, 2009; LUFT, 2002), não há qualquer menção a *euro-*. Apenas Cunha & Cintra (1984: 113-115; 2008: 127) dão destaque para formas cujo estatuto morfológico é difícil de delimitar:

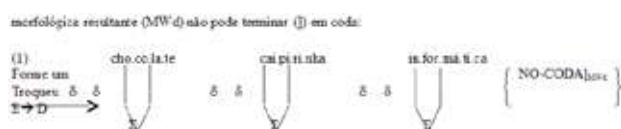
pseudoprefixos ou prefixoides são radicais latinos ou gregos que assumiram o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes. Os pseudoprefixos caracterizam-se: a) por apresentarem um acentuado grau de independência; b) por possuírem ‘uma significação mais ou menos delimitada e presente à consciência dos falantes, de tal modo que o significado do todo a que pertencem se aproxima de um conceito complexo, e portanto de um sintagma’; c) por terem, de um modo geral, menor rendimento do que os prefixos propriamente ditos (CUNHA & CINTRA, 2008: 128).

Com base nessa definição de pseudoprefixos, ou prefixoides, Correia (1989) tenta uma classificação para o formativo. Valendo-se das informações de Cunha & Cintra (2008: 127-128), a autora reconhece que o elemento *euro-* tem, de fato, “significação delimitada e presente à consciência dos falantes”, dando origem a uma formação que traduz um conceito complexo, parafraseável através de um sintagma. Entretanto, afirma não ser possível aceitar como característica de *euro-* um fraco rendimento, já que pôde coletar, com base em jornais e revistas lusitanos, um *corpus* com 46 dados. Apropria-se de estudo realizado por Peytard (1964) sobre *télé-*, elemento da língua francesa equivalente ao português *tele-*, como um verdadeiro prefixo, levando em consideração (i) o aumento de sua produtividade; (ii) o alargamento de sua área de motivação, que deixou de compor exclusivamente vocabulário científico e técnico, ao “invadir a língua corrente”; e (iii) sua associação a domínios cada vez mais diversificados, o que o torna polissêmico. Com base nessas constatações, Correia (1989), observando o forte rendimento do formativo, propõe que *euro-* seja considerado prefixo no português contemporâneo, porque alargou, principalmente ao longo da década de 80, seu campo de atuação, deixando de caracterizar vocabulário específico da Economia, ao adquirir usos cada vez mais gerais, fora da linguagem técnico-científica. Destaca, ainda, as sucessivas modificações de significado a que *euro-* vem sendo submetido (grifos da autora):

Se nos situarmos no domínio do Desporto, ao falarmos de **eurotaças**, entendemos que são competições europeias englobando equipas de todos os países do continente europeu, quer da Europa Ocidental, quer da Europa de Leste (...). Porém, quando utilizamos unidades como **euromunismo** ou **euromisseis**, o elemento *euro-* passa a denotar a Europa Ocidental, isto é, refere-se apenas aos países de regimes não-comunistas [sic] do continente europeu, sendo fácil perceber a redução de significado. Se atentarmos ainda em unidades como **eurodeputados**, **europarlamento** ou **eurogabinete**, então a redução é ainda maior, pois *euro-* engloba agora apenas “países pertencentes à Comunidade Econômica Europeia”. (CORREIA, 1989: 5)

² Neste artigo, usamos o hífen apenas para sinalizar, nos dados, uma fronteira morfológica. O emprego do hífen, portanto, não necessariamente é o preconizado pelo Novo Acordo Ortográfico.

Gonçalves & Andrade, em artigo intitulado “El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués”, ao fazerem menção ao formativo *euro-*, tratam-no como originado de um processo de *clipping*, o qual envolve o mapeamento de um pé binário no interior da palavra-base, independentemente do estatuto morfológico da forma escaneada³. Assim, geram-se dissílabos paroxítonos com sílaba final leve, os quais poderão ser acessados para novas construções. No caso de *Europa*, o rastreamento de um pé trocaico pela borda direita da palavra de fato leva a *euro*, o que se confirma também nos casos de *splinters*, utilizando a terminologia empregada por Fandrich (2008), exemplificados em (01). Nas representações, δ representa uma sílaba e Σ , um pé métrico (nesse caso, um troqueu silábico⁴). A informação que aparece entre colchetes diz respeito ao filtro imposto à sílaba final rastreada, já que a palavra morfológica resultante (MWd) não pode terminar (j) em coda:



Para os autores, o formativo consiste em um *splinter*, constituinte caracterizado como parte não-morfêmica de uma palavra, que, resultante “de processos não-concatenativos de formação de palavras, como o truncamento e o cruzamento vocabular, é utilizada com alguma recorrência na criação de novas formas linguísticas” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 132). No caso de *euro-*, entretanto, dado o fato de a primeira ocorrência registrada ter sido a construção *eurásia*, é difícil determinar se o constituinte provém de um processo de truncamento, com redução da palavra-base e retenção do significado do todo nas duas primeiras sílabas, ou de um processo de cruzamento vocabular, com interseção de duas bases diferentes para a formação de uma só palavra, com perda parcial de uma delas e posterior interpretação da parte suprimida como morfêmica. seja qual for a interpretação adequada, *euro-* de fato resulta de um processo não-concatenativo de formação de palavras, o que atesta a relevância desses mecanismos na criação de novos morfemas (GONÇALVES, 2011c).

Bauer (2004: 77) conceitua *splinter* como “parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras”. Para Gonçalves & Andrade (2012), “*splinters* se assemelham a radicais, mas também ostentam propriedades de afixos, como o fato de serem formas presas, a realização das formas complexas sob um único acento e a fixação desses elementos numa borda específica

da palavra”.

Apesar de reconhecerem, com Bauer (2005: 245), a dificuldade em determinar se as construções com *euro-* são produtos de composição ou de derivação, argumentam que

a vinculação a palavras, por evocação às formas de onde partiram, nas fusões vocabulares (‘sogradrasta’ << “madrasta do cônjuge”) ou nos truncamentos (‘info-peças’ << “peças de informática”), a baixa aplicabilidade e, sobretudo, a capacidade de esses fragmentos se co-anexarem afastam a possibilidade de analisá-los como afixos.

Ao enquadrarem o formativo na classe dos *splinters*, os autores baseiam-se na ideia de que se trata de um elemento cujo estatuto de morfema pode ser questionável, uma vez que constitui porção não-significativa da palavra-base reinterpretada morfológicamente em função da recorrência, o que difere *splinters* de afixoides. Neste tipo de formativo, porções morfêmicas experimentam usos distintos dos encontrados nas formas etimológicas de onde se desprenderam, a exemplo de *petro-*, em ‘petro-química’, e ‘homo’, em ‘homo-afetivo’.

Para Sandmann (1997: 65), vocábulos que contêm formativos oriundos de gentílicos e/ou topônimos, como *euro-* < ‘Europa’/‘europeu’ e *afro-* < ‘África’/‘africano’, por exemplo, constituem compostos determinativos, visto que não estão necessariamente em relação de coordenação. Assim, uma *música euroamericana* não é europeia e americana, mas uma música americana de origem europeia. Da mesma forma, um *produto euroasiático* não é europeu e asiático, mas um produto asiático de origem europeia.

Villalva (2000: 285-6) observa que só há estrutura de coordenação quando não se pode identificar um dos constituintes como núcleo. Assim, construções como ‘euro-gabinete’, ‘euro-deputado’ e ‘euro-português’ não estão em estrutura de coordenação, porque há possibilidade de, em paráfrase, identificar um dos elementos como núcleo: *gabinete europeu*, *deputado europeu* e *português europeu*. Contrariamente, construções como ‘eur(o)-asiático’, ‘eur(o)-africano’ e ‘eur(o)-americano’, segundo se constata pelo *Vocabulário da Língua Portuguesa* (GONÇALVES, 1966), indicam mestiçagem entre europeus e indivíduos naturais dos continentes expressos na segunda base: *menino (filho de) europeu/europeia e asiático(a)/africano (a)/americano (a)*.

Percebe-se que a consideração de *euro-* como constituinte morfológico é consensual. Pelas poucas referências, pode-se vislumbrar que se trata de um elemento produtivo na criação de novos vocábulos. Resta saber se constitui um radical, disponível para processos composicionais, ou um afixo, disponível para processos derivacionais. Passamos, agora, à exposição dos critérios que se prestam à diferenciação dessas duas unidades de

³ “Processo de redução (morfologia subtrativa) em que uma parte não-morfêmica passa a valer pelo todo, a exemplo de *euro-* (‘eurodólar’, ‘eurodeputado’) e *info-* (‘info-shopping’, ‘info-unidade’)” (GONÇALVES, 2011b: 49)

⁴ Troqueus silábicos são pés métricos constituídos de duas sílabas, sendo a primeira delas a proeminente. É um tipo de pé insensível à quantidade e, por isso mesmo, não conta moras (unidades de peso).

análise morfológica. Tomamos por base a proposta de Kastovsky (2009).

2. Diferenças Entre Radicais e Afixos

Antes de abordar os critérios apresentados em Kastovsky (2009), é importante destacar a relevância do parâmetro *fixidez* na distinção ora em pauta. Gonçalves & Andrade (2012) observam que a posição ocupada pela partícula constitui ferramenta importante para diferenciar afixos de radicais, já que os primeiros têm fortes restrições posicionais, estabelecendo-se em lugar pré-determinado na estrutura da palavra. Radicais, por sua vez, não apresentam restrições desse tipo, podendo ocorrer tanto à esquerda quanto à direita ('filosofia', 'cinéfilo'; 'telefone'; 'fonética'; 'antropologia', 'misanthropo'). Nesse aspecto, *euro-* se assemelha a um prefixo, pois seu uso na borda esquerda da palavra é sistemático em português: em todas as cento e oito formações encontradas, *euro-* constitui elemento de primeira posição, fato que o aproxima de formativos como *pré-*, *pós-* e *tele-*. Passemos, a seguir, à aplicação da proposta de Kastovsky (2009).

Com base em Prêié (2008), Kastovsky (*op. cit.*) estabelece alguns critérios para diferenciar afixos de radicais e/ou formas combinatórias⁵. Os parâmetros empregados por Prêié (2008) são elencados em (2):

(2)

1. expansão de inventários, 2. forma distinta, 3. restrições de co-ocorrência, 4. função sintática, 5. relação cabeça-modificador, 6. natureza do significado, 7. padrão morfossemântico, 8. produtividade.

O critério (1) remete à ideia de que afixos pertencem a um conjunto (relativamente) fechado de unidades gramaticais e, em decorrência, novos elementos raramente são admitidos; radicais, ao contrário, pertencem a um conjunto (relativamente) aberto de unidades léxico-gramaticais e, por isso mesmo, novos itens são admitidos. De acordo com Kastovsky (*op. cit.*: 05), esse critério é duvidoso por dois motivos, fundamentalmente: (i) cria precedente, ao empregar o advérbio 'relativamente'; e, sobretudo, (ii) pode ser refutado por evidências históricas encontradas em várias línguas, uma vez que a categoria afixo pode ter seu inventário expandido, seja por empréstimos ou por mudança em itens lexicais independentes, como documentado, por exemplo, em Joseph (1998). Esse critério, além disso, nada nos informa a respeito do estatuto morfológico de *euro-*, uma vez que faz referência a toda uma classe e, por isso mesmo, não

se aplica a unidades individuais, como mostra Gonçalves (2011b).

No critério seguinte, forma distinta, diferencia-se afixo de radical nos seguintes termos (PRÉIÉ, 2008: 320): afixos apresentam formas fonéticas diferentes, enquanto radicais, sobretudo os neoclássicos, terminam ('astro', 'bio') ou iniciam num mesmo segmento ('ólogo', 'ódromo', 'ólatra'). Por esse critério, *euro-* comporta-se como radical, pois termina numa vogal que caracteriza praticamente todos os neoclássicos oriundos do grego, como os listados em (3). O aproveitamento das sílabas iniciais de 'Europa' acabou tornando o *splinter euro-* bastante parecido com os elementos que participam da chamada composição neoclássica: elementos predominantemente paroxítonos e dissilábicos, sistematicamente terminados em -o.

(3)

| | | | |
|-------|--------|--------|--------|
| foto | agro | eletro | gastro |
| bio | homo | eco | hidro |
| petro | odonto | filo | rino |

O parâmetro restrições de co-ocorrência, com o qual se observa que tipo de constituinte morfológico se combina com o elemento em análise, leva-nos a categorizar como compostas as construções *euro-X* analisadas, uma vez que se *euro-* se adjunge a palavras (formas livres), mas também a splinters e a radicais presos de segunda posição. Tanto os prefixos ditos legítimos (SCHWINDT, 2001), como *in-*, *des-* e *re-*, quanto os posicionais, a exemplo de *pré-* e *pós-*, combinam-se com palavras (formas livres); nunca com radicais presos ou *splinters*. Os exemplos em (4) confirmam o que estamos afirmando. Observe-se que *euro-* se combina com splinters (segunda linha) e com elementos neoclássicos (terceira linha), embora apareça mais sistematicamente vinculado a palavras (primeira linha). Por esse critério, portanto, *euro-* comporta-se como radical.

(4)

| | | | |
|-------|--------|--------|--------|
| foto | agro | eletro | gastro |
| bio | homo | eco | hidro |
| petro | odonto | filo | rino |

Como observa Kastovsky (2009: 06), os critérios (4), função sintática, e (5), relação cabeça-modificador, não são realmente diferentes e se referem ao tipo de relação que se estabelece entre os constituintes núcleo (cabeça / *determinatum*) e subordinado (modificador / *determinante*). O formativo *euro-* não determina a categoria sintática das palavras complexas que forma. Dito de outra maneira, é categorialmente neutro, não apresentando o que Basilio (1987) denomina de função

⁵ Warren (1990: 115) fornece uma explicação descritiva para os constituintes que parecem afixos em inglês, mas também ostentam propriedades de lexemas. A autora discute a classificação tradicional e considera tais partículas *formas combinatórias* (do inglês *combining forms*): elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a radicais. Formas combinatórias, portanto, constituem uma classe à parte, situada entre radicais e afixos (GONÇALVES, 2011c).

⁶ Cruzamento vocabular de euro com 'eutanásia', cujo significado é "praticar a eutanásia contra o euro, moeda da comunidade europeia, por conta da crise dos países na zona do euro". 'Eurobu' é também um cruzamento: o termo faz referência à má sorte, representada pelo urubu, ave agourenta, dos países que têm o euro como moeda, a exemplo da Grécia, de Portugal e da Espanha (Jornal Meia Hora, 11/04/2013). 'Euroconha', por sua vez, é o *blend* que resulta da fusão de euro(pa) com 'maconha', designando "maconha europeia".

sintática – capacidade de modificar a classe do produto. Portanto, do mesmo modo que os prefixos, *euro-* não constitui cabeça categorial das construções morfológicas de que participa.⁷

Além de não serem cabeças categoriais, prefixos também não são cabeças morfológicas de palavras complexas, ao contrário dos radicais, que, quando combinados com prefixos ou com outros radicais, determinam o gênero da palavra resultante. Nas formações *euro-X*, tanto a informação sintática quanto a morfológica são desempenhadas pelo elemento à direita, o que mostra que *euro-* jamais poderia ser considerado cabeça morfológica ou categorial, como atestam os dados em (5). Observe-se que nos dados em (6), de compostos com cabeça à esquerda, gênero e classe são determinados pelo elemento à esquerda:

(5)

| | |
|--------------|----------------|
| euro-túnel | euro-comunista |
| euro-crise | euro-chato |
| euro-herança | euro-comércio |

(6)

| | |
|------------------|----------------------|
| bolsa-família | seguro-desemprego |
| auxílio-reclusão | mulher-melão |
| maria-chuteira | funcionário-fantasma |

Por serem cabeças semânticas, radicais em compostos constituem o núcleo significativo da palavra e, em português, são bem mais comuns casos de composição com núcleo à esquerda (ALMEIDA, 2010; FARIA, 2011). Nos exemplos em (6), os elementos de primeira posição constituem cabeças lexicais⁸ e configuram um padrão estrutural do tipo DM-DT. Prefixos jamais funcionam como cabeças semânticas porque seus significados assemelham-se aos veiculados por (a) adjetivos, (b) advérbios ou (c) preposições, uma vez que são, em sua maioria, resultado de um processo de gramaticalização (OLIVEIRA, 2004). As construções *euro-X* têm padrão DT-DM, típico da derivação, como se pode observar nas paráfrases feitas em (7):

(7)

| | |
|---------------|---|
| euro-zona | “zona dos países em que o euro é moeda” |
| euro-cinismo | “cinismo europeu” |
| euro-trocinio | “patrocínio da europa” |
| euro-crata | “burocrata europeu” |

O critério seguinte, natureza do significado, possibilita observar a densidade semântica dos elementos morfológicos: afixos têm, em geral, significados menos densos, enquanto radicais, segundo Préié (2008: 322), são

“semanticamente mais ricos, quaisquer que sejam seus significados”. Ralli (2007) também se vale desse parâmetro para confirmar a natureza não-prefixal de constituintes como o analisado em grego moderno. Para ela, tais formas portam um significado lexical, que caracteriza raízes / lexemas, mas não afixos: “afixos expressam valores categoriais ou relacionais, manifestam noções temporais, espaciais, qualitativas e agentividade”, restringindo o tipo de bases a que são adicionados e determinando o tipo de significado da palavra derivada (IACOBINI, 2004: 75). Em contraste, “lexemas expressam um conceito autônomo denotativo” (IACOBINI, *op. cit.*: 75). É nesse aspecto que *euro-* efetivamente se afasta da classe dos prefixos, uma vez que o significado que atualiza é por demais especializado e está longe de ser equiparado aos de elementos como *re-*, *sub-*, *entre-* ou *pré-*. Analisemos, com mais vagar, as relações de significado existentes nas formações de nosso *corpus*.

Como destacamos na introdução, o *corpus* levantado a partir dos dicionários e do artigo de Correia (1989), assim como do *site* da rede mundial de computadores reservado a buscas e pesquisas, totalizou 108 construções complexas com o formativo *euro-*. Dentre esses, 36 dados apresentaram uma particularidade bastante interessante: trata-se exclusivamente de nomes de empresas, em cujas construções se pode perceber uma metonímia que foca a qualidade do produto e/ou do serviço oferecido. Tal é o que se observa nos dados abaixo:

Tabela 1: Nomes de empresas com o formativo *euro-*: metonímia que foca a qualidade

| Euro-américa | eurodonto | eurojim | euroquip |
|-----------------|------------|-------------|--------------|
| euro-automóveis | eurofarma | eurojoias | eurorelógios |
| eurobarra | eurofeiras | euromed | eurorentlei |
| eurobordí | eurofer | euromalhas | eurovan |
| eurobrás | euroflex | euromoto | euroveículos |
| eurobrasil | euroglass | euromóveis | eurovia |
| eurocar | eurohome | europlantas | eurogasolina |
| eurocolchões | eurohotel | euroquadros | eurobanco |
| eurodata | eurojet | euroquímica | |

Fez-se possível chegar a tal conclusão, generalizando a definição encontrada para ‘euro-feiras’: “empresa que objetiva organizar feiras segmentadas para públicos altamente qualificados”, característica qualitativa por que parecem prezar todos os demais. Em outras quatorze construções levantadas para análise, o acréscimo de *euro-* parece ocorrer devido ao que Correia (1989) chama de “mera intenção estilística” (p. 7), visto que, embora lhes acrescente informação relativa à origem ou ao

⁷ Estamos empregando a distinção tripartida recentemente proposta por Scalise *et al.* (2009) para a análise de compostos: cabeças categoriais, morfológicas e semânticas. As duas primeiras são responsáveis, respectivamente, pela classe gramatical do produto e por características como gênero e número. A cabeça semântica corresponde ao núcleo significativo da palavra.

⁸ Termo genérico que cobre as três possibilidades, isto é, os elementos à esquerda são cabeças semânticas, categoriais e morfológicas do composto.

destino do elemento referido pela palavra à direita, podem ser substituídos por expressão sintática equivalente:

(8)

euro-ceticismo, euro-apaixonados, euro-céticos, euro-chatos, euro-clube, euro-comissão, euro-esclerose, euro-esquerda, euro-império, euro-industriais, euro-obrigacionista, euro-otimismo, euro-pessimismo, euro-restos

Observe-se que todas as construções em (8) poderiam ser parafraseadas por sintagmas nominais ou preposicionais: “ceticismo em relação à Europa”, “chatos europeus”, “clube europeu” “comissão, esclerose, esquerda europeias”, “império, otimismo europeus”, “indústrias, restos europeus” e assim por diante. Nesses casos, portanto, o formativo funciona como gentílico e refere-se à Europa, ao que é relativo a ela, ao que é proveniente dela ou, ainda, aos europeus.

Há um segundo grupo de formações *euro-X* que faz referência ao *euro* como moeda oficial de países da Europa: ‘euro-zona’, que se refere a uma área, dentro da União Europeia, cujos Estados-membros adotam oficialmente o euro como moeda comum, e ‘euro- crise’, que pode se referir tanto à crise que atinge a Europa quanto à crise a que está subjugada à moeda oficial desse continente. Qualquer que seja o significado de *euro-*, de maneira alguma esse formativo constitui cabeça semântica da palavra resultante, o que, mais uma vez o assemelha a um prefixo.

Resta falar, ainda, de dois parâmetros discutidos em Kastovsky (2009): padrão morfossemântico e produtividade. O primeiro envolve a padronização automática, recorrente e modelada de palavras derivadas, enquanto radicais podem variar em estrutura, como os compostos. O próprio Príé (2008) admite que formações neoclássicas têm elementos fixos e acabam criando padrões morfossemânticos semelhantes aos da derivação, o que se confirma nos dados que estamos investigando (apesar de *euro-* não ser propriamente um radical neoclássico). Por fim, a produtividade, aqui entendida como passível de gradação, novamente nos levaria a analisar *euro-* como afixo, pois forma palavras em série no português.

3. As Formações *Euro-X* e o *Continuum* Composição-Derivação

Uma das questões mais exploradas no âmbito das fronteiras internas da morfologia, conforme sinaliza Kenesei (2009), é se existe ou não um *continuum* entre afixos (derivacionais) e palavras, ou seja, constituintes de compostos, uma vez que existe uma grande área de sobreposição entre derivação e composição. A composição, grosso modo, é entendida como um processo que combina palavras ou radicais para formar um item

morfologicamente complexo, enquanto a derivação requer a presença de um afixo. Precisar o que é afixo, por oposição a radical, não constitui, no entanto, tarefa simples. Vários autores, entre eles Bauer (2005), Booij (2005, 2007, 2010) e Ralli (2010), consideram tênues os limites entre essas duas unidades de análise morfológica. Outros, como Baker (2002) e Kastovsky (2009), chegam a propor um *continuum* entre as unidades envolvidas na formação de palavras, considerando afixos e radicais os polos extremos dessa escala. No âmbito do português, Gonçalves (2011a, 2011b) é o primeiro a idealizar esse *continuum*, efetivamente sistematizado em Gonçalves & Andrade (2012), que reúnem uma série de critérios empíricos para diferenciar esses dois tipos morfológicos.

No que diz respeito à aplicação dos critérios propostos por Gonçalves & Andrade (2012), observa-se que o formativo *euro-* encontra-se em posição bastante intermediária do *continuum* composição-derivação, uma vez que se aproxima, quase em pé de igualdade, tanto de afixos quanto de radicais. Os critérios que o fazem aproximar-se dos afixos são:

(i)

restrição posicional, uma vez que *euro-* aparece exclusivamente na primeira posição, à esquerda da construção, conforme se verifica em ‘euro-parlamento’, ‘euro-mísseis’, ‘euro-disco’ e ‘euro-mercado’, havendo apenas um caso em que se encontra à direita – ‘brasileuro’, que designa “músicos brasileiros residentes na Europa”;

(ii)

limitação ou *boundness*, uma vez que, como um *splinter* formado por compactação de Europa, comporta-se como forma presa – eurojovem, *euromilhões* e *eurocheques*, funcionando sozinho como comunicação suficiente apenas quando se refere à moeda oficial;

(iii)

aplicabilidade, visto que é bastante usual na língua, sobretudo no Português Europeu – ou, melhor, no ‘euro-português’, pois faz referência ao continente em que se fala tal variedade, o que se comprova pelo grande número de dados com que conta esta análise;

(iv)

previsibilidade semântica, uma vez que as construções *euro-X* são de leitura composicional, sendo altamente previsível o significado da partícula à esquerda e, conseqüentemente, da formação resultante, conforme se observa em ‘euro-túnel’, ‘euro-socialismo’, ‘euro-crata’, ‘euro-compatível’, exemplos em que se faz referência inequívoca ao continente e/ou aos indivíduos europeus;

(v)

posição da cabeça, sempre à direita, pois *euro-*, como qualquer outro prefixo, não porta informação sintática, não atribui gênero, nem é peça-chave na elaboração da paráfrase.

Contrariamente, os critérios que fazem *euro-* aproximar-se dos radicais são:

(i)

densidade semântica, uma vez que se refere à Europa, o que faz com que, ao contrário dos prefixos, atue como elemento de caráter mais lexical que gramatical, conforme se observa em ‘euro-centrismo’, ‘euro-comunismo’, ‘euro-comissão’ e ‘euro-funk’;

(ii)

seleção categorial, pois não impõe restrições sintáticas e/ou semânticas ao elemento a que se vai agregar, podendo vincular-se a substantivos – ‘euro-túnel’, ‘euro-clube’, ‘euro-parlamento’, a adjetivos – ‘euro-céticos’, ‘euro-apaixonado’, ‘euro-chato’, ou mesmo a advérbios – *eurocentricamente* e a verbos – *europassear*;

(iii)

combinabilidade, já que se pode combinar com *splinters* ou radicais neoclássicos que ocupem a segunda posição na estrutura da palavra, tal como se observa em ‘euro-lândia’, ‘euro-trocínio’, ‘euro-crata’, ‘euro-cida’, ‘euro-conha’ (prefixos jamais se combinam com elementos dessa natureza);

(iv)

coordenabilidade, tendo em vista que *euro-* pode envolver-se em construções ternárias, conforme se observa, por exemplo, em ‘euro-nipo-comunismo’ e em ‘euro-afro-descendente’; e

(v)

redução de coordenação, pois é possível encontrar usos de *euro-* em que o núcleo é omitido, por ser idêntico ao que aparece na palavra seguinte, coordenada, como se observa no exemplo em (9), a seguir:

(9)

A política das cotas deve ser usada tanto para euro quanto para afrodescendentes.

Conforme se pôde observar, ao contrário do que propõe Correia (1989), o formativo aproxima-se também da classe dos radicais, não se comportando como prefixo em relação a todos os critérios analisados.

Considerações Finais

O formativo sob análise neste artigo é considerado relativamente novo e ganhou força nos últimos anos devido à emergência do continente europeu no âmbito econômico-comercial. Trata-se de elemento morfológico bastante produtivo: tem aplicação maior no português europeu, visto referir o continente em que se utiliza tal variedade, mas já se podem encontrar casos de sua utilização em construções no português brasileiro (‘eu-

robu’, ‘euro-lândia’, ‘euro-tanásia’), embora em número bastante menor e em relação intrínseca com a Europa. Quando aqui utilizado, faz referência inequívoca a algo que fora importado de lá ou a algo que se fundamenta no velho continente, como o define Correia (1989).

Ao contrário do proposto por Correia (*op. cit.*), que busca inserir *euro-* entre a classe dos prefixos, este trabalho defende que essa partícula ilustra bem a ideia de *continuum* entre os tipos morfológicos, já que porta, em pé de igualdade, atributos tanto de radicais quanto de afixos. Seguindo-se a proposta de Gonçalves & Andrade (2012), compreende-se que, não sendo possível enquadrá-lo nem entre os afixos nem entre os radicais, devido ao fato de compartilhar propriedades das duas classes, é coerente classificá-lo como um *splinter*, elemento que consiste na “parte de uma palavra que, devido a algumas reanálises da estrutura da palavra original, é interpretada como significativa e posteriormente utilizada na criação de novas palavras” (BAUER, 2004: 77). Como forma reduzida de Europa, *euro-* passou a condensar em si todo o significado antes contido na palavra original e, com isso, pôde ser utilizado na criação de novas palavras, fazendo referência a esse continente.

Referências

ALMEIDA, Ma. Lucia Leitão. *Bolsas e cabeças de todos os tipos*. Comunicação apresentada no II Seminário do NEMP. Rio de Janeiro: UFRJ, mimeo, 2010.

ANDRADE, K. E. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

AZEREDO, J. C. de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

BAKER, M. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In S. Bendjaballah et al. (eds.) *Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting*. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 21-104.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 97-108, 2005.

- BAUER, L. *A Glossary of Morphology*. Washington, DC: Georgetown Univ. Press 2004.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. DRESSLER et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, pp. 109-131, 2005.
- BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décebrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, pp. 34-44, 2007.
- BOOIJ, G. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- COROMINAS, J. & PASCUAL, J. A. *Diccionario crítico-etimológico castellano e hispánico*. Madrid: Gredos, 1980.
- CORREIA, M. Euro-: um novo prefixo do português? Disponível em: « <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/1989-mcorreia-euro.pdf> ». Acesso em: 3 dez. 2011.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FANDRYCH, I. Submorphemic Elements in the Formation of Acronyms, Blends and Clippings. In *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.
- FARIA, André Luiz. *Análise morfossemântica dos compostos nominais transferenciais*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2011.
- GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? pequeno estudo de casos. *Domínios de Linguagem*, 5, p. 62-89, nov. 2011a.
- GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Vol. 9, número 5, p. 6-39, nov. de 2011b.
- GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.
- GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición-derivación en portugués. *Linguística*, Ciudad del México, vol. 28 (2), p. 119-145, diciembre 2012.
- GONÇALVES, R. *Vocabulário da Língua Portuguesa*. Portugal: Coimbra Editora, 1966.
- HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IACOBINI, C. Composizione con elementi neoclassici. In Grossmann, M. & Rainer, F. (eds). *La formazione delle parole in italiano*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2004, p. 69-95.
- JOSEPH, B. Diachronic Morphology. In: Andrew Spencer & Arnold Zwick (eds.). *The handbook of morphology*. London: Basil Blackwell, 1998.
- KASTOVSKY, D. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McCONCHIE, R. W. et al. (eds.). *Selected proceedings os the 2008 Symposium on New Approaches in English Historical Lexis (HEL-LEX 2)*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 1-13, 2009.
- KENESEI, I. *Semiwords and affixoids: the territory between word and affix*. Budapest, Research Institute for Linguistics, Budapest, 2007.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. São Paulo: Globo, 2002.
- MACHADO, J. P. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.
- OLIVEIRA, S. M. *Derivação Prefixal: um estudo sobre alguns prefixos do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UTP, 2004.
- PEYTARD J. Motivation et préfixation. Remarques sur les mots construits avec l'élément télé-. *Cahiers de Lexicologie*, v.4, p.37-44, 1964.
- PRÉIÉ, T. Suffixes vs. final combining forms in English: a lexicographic perspective. *International Journal of Lexicography* 21, p. 1-22, 2008.
- RALLI, A. Compounding versus derivation. In SCALISE S. & VOGEL, I. (eds.). *Cross-disciplinary issues in*

compounding, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, p. 57-75, 2010.

RALLI, A. Compounds in Modern Greek. *Rivista di Linguistica* 4 (1): 143-174, 2007.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

SANDMANN, A. J. *Morfologia Geral*. São Paulo: Contexto, 1997.

SCALISE, S.; FABREGAS, A. & FORZA, F. Exocentricity in Compounding. *Gengo Kenkyu* 135, p. 49-84, 2009.

SCHWINDT, L. C. O Prefixo no Português Brasileiro: Análise Prosódica e Lexical. *DELTA [online]*, v. 17 n. 2, São Paulo, 2001.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

WARREN, B. (1990). The Importance of Combining Forms. In W. Dressler *et al.* (eds), *Contemporary Morphology*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, p. 111-132, 1990.